

Tradução, Tecnologia e Mercado: Uma Trilogia Propícia a Bolonha

Manuel Moreira da Silva
ISCAP – IPP / INESC Porto, Portugal
mdasilva@iscap.ipp.pt

Resumo

A Europa está a reordenar o espaço europeu de Ensino Superior ao abrigo do Acordo de Bolonha. Neste processo transversal, um dos vectores fundamentais de mudança recai no reforço da relação Universidade-Empresa. No domínio específico da Tradução, o decorrer deste processo é um momento de características únicas para uma aproximação entre estas duas entidades:

- 1. no que se refere à reestruturação dos cursos, de forma a dotar os currículos de uma maior consonância com as perspectivas do mercado;*
- 2. na interligação das empresas com as entidades de ensino, para fins de transferência de tecnologia, de conhecimentos, de boas-práticas, de tendências, entre outros;*
- 3. na definição da implementação de políticas comuns de apoio ao desenvolvimento sustentável do mercado de tradução português.*

O sucesso desta mudança anunciada dependerá, contudo, do reposicionamento e do esforço conjunto de prestadores de serviços de tradução, vendedores de ferramentas de tradução e das escolas. A trilogia tradução, tecnologia e mercado só resultará num ensino de nível europeu e em melhores resultados empresariais se os laços que unem formadores, empregadores e vendedores de software forem estrategicamente definidos e defendidos.

Pretendemos, assim, através desta comunicação, perspectivar alguns aspectos do futuro próximo do ensino na área da tradução e dos caminhos que este poderá seguir, recaindo o nosso enfoque na análise dos passos a dar para desenvolver a parceria Universidade-Empresa no universo da tradução em Portugal e cumprir algumas das metas definidas pelo Acordo de Bolonha.

Palavras-chave: teoria e prática da tradução, ciências e tecnologia, ferramentas de tradução.

1. Introdução

A Europa está a reordenar o espaço europeu de Ensino Superior ao abrigo do Acordo de Bolonha. Este acordo visa a construção de um Espaço Europeu de Educação Superior no qual estudantes e docentes se possam movimentar facilmente e tenham o reconhecimento das suas qualificações, proporcionando uma estrutura e uma nomenclatura de graus que sejam comparáveis entre países e facilmente legíveis, promovendo a fácil compreensão das habilitações adquiridas.

Pretende, para além disso, como se pode ler no Decreto-lei 74/2006, a *passagem de um ensino baseado na transmissão de conhecimentos para um ensino baseado no desenvolvimento de competências*. Ou seja, visa a mudança do paradigma de ensino de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências, onde se incluem quer as de natureza genérica – instrumentais, interpessoais e sistémicas – quer as de natureza específica associadas à área de formação, e onde a componente experimental e de projecto desempenham um papel importante. Identificar as competências, desenvolver as metodologias adequadas à sua concretização, colocar o novo modelo de ensino em prática, são os desafios com que se confrontam as instituições de Ensino Superior.

A sociedade do conhecimento nasce da combinação de quatro elementos interdependentes: a produção do conhecimento, essencialmente pela investigação científica; a sua transmissão, através da educação e da formação; a sua divulgação com as tecnologias da informação e da comunicação; e a sua exploração através da inovação tecnológica. Ao mesmo tempo, surgem novos modos de produção, transmissão e exploração dos conhecimentos, que têm por efeito associar um maior número de intervenientes, geralmente interligados em redes num contexto cada vez mais internacionalizado. Porque se situam no ponto de intersecção da investigação, da educação e da inovação, as universidades e politécnicos detêm, sob vários pontos de vista, as chaves da economia e da sociedade do conhecimento.

Tal como afirma a Comissão das Comunidades Europeias (2003:3), tendo em conta o papel central que as universidades desempenham, a criação de uma Europa do conhecimento representa para o Ensino Superior uma fonte de oportunidades, mas também de desafios consideráveis. Com efeito, as universidades e politécnicos operam num ambiente cada vez mais globalizado e em constante evolução, marcado por uma concorrência crescente e pela emergência de novas necessidades, às quais têm obrigação de dar resposta. No entanto, as universidades europeias têm geralmente menos a oferecer e dispõem de menos meios financeiros do que as suas homólogas transcontinentais. Coloca-se, pois, a questão da sua capacidade de competir com as melhores universidades do mundo assegurando um nível de excelência sustentável.

O estabelecimento de uma cooperação estreita e eficaz entre universidades e empresas é, neste contexto, uma necessidade. A cooperação entre as universidades e as empresas deve ser intensificada a nível nacional e regional. Deve também ser orientada com mais eficácia para a inovação, a criação de novas empresas e, em termos mais gerais, para a transferência e divulgação dos conhecimentos. Do ponto de vista da competitividade, é fundamental que os conhecimentos circulem livremente entre as universidades, as empresas e a sociedade.

No domínio específico da Tradução, e no caso das universidades e empresas portuguesas, o decorrer da implementação deste Acordo é um momento de características únicas para uma aproximação entre aquelas duas entidades:

1. no que se refere à reestruturação dos cursos, de forma a dotar os currículos de maior consonância com as perspectivas do mercado;
2. na interligação das empresas com as entidades de ensino, para fins de transferência de tecnologia, de conhecimentos, de boas-práticas, de tendências, entre outros;
3. na definição da implementação de políticas comuns de apoio ao desenvolvimento sustentável do mercado de tradução português.

Pretendemos, através deste artigo, perspectivar alguns aspectos do futuro próximo do ensino na área da tradução e dos caminhos que este poderá seguir, recaindo o nosso enfoque na análise dos passos a dar para desenvolver a parceria Universidade-Empresa no

universo da tradução em Portugal e cumprir algumas das metas definidas pelo processo de Bolonha.

2. Bolonha e o ensino da tradução

De modo semelhante ao verificado nos outros países da Europa, a adequação dos ciclos de estudos tem vindo a reflectir-se nas instituições portuguesas de Ensino Superior como um trajecto de progressão no sentido de interiorizar o processo de reformas e prioritar as questões de Bolonha na sua agenda institucional. O facto de a maior parte ter chegado ao âmago do processo de transição para um sistema intercompreensível de três ciclos constitui uma transformação cultural e social altamente complexa e exigente que desencadeou a nível local uma cadeia evolutiva de acontecimentos com as suas próprias dinâmicas.

Compreendemos que não se trata de ministrar as mesmas disciplinas em menos tempo, mas, sim, de aproveitar o imperativo da mudança de uma forma muito proactiva, isto é, tentando otimizar, num sentido prospectivo, a posição da instituição no sistema educativo e na sociedade com a ajuda da nova moldura de conversão estrutural. Tendo em conta que o espírito que preside ao processo de Bolonha é o da circulação de conhecimento; da mobilidade de estudantes, professores e diplomados; da cooperação internacional e da construção de redes de ensino e investigação competitivas à escala mundial, afirma-se como essencial concretizar em Portugal um sistema de graus, facilmente reconhecível, comparável e atractivo, bem como uniformizar um sistema de créditos que promova, no contexto europeu, um intercâmbio de experiências de ensino-aprendizagem diferentes, mas dialogantes e equivalentes.

No que respeita à Tradução e ao seu ensino e, considerando a informação disponibilizada pelo Relatório *Trends IV* e pelo Projecto *Tuning*, assim como a obtida através de uma análise comparativa e circunstanciada junto de instituições de Ensino Superior europeias, com cursos de Tradução, podem inferir-se os seguintes dados:

- Os planos de estudos actualmente existentes aproximam-se bastante do ponto de vista epistemológico, visto que se centram nas áreas da tecnologia aplicada à tradução, dos arquétipos teóricos emergentes, do conhecimento de domínios de especialização relevantes na actualidade, enquadrados em ambiente multimédia, na utilização de modernos recursos tecnológicos e do ensino à distância, verificando-se a existência de denominações bastante convergentes sobretudo entre as unidades curriculares referentes a ciclo de estudos de Mestrado;
- As competências com que se pretende dotar os alunos (recém-diplomados ou profissionais) também apresentam uma grande similitude e entrosam-se com a destacada necessidade de traçar perfis de saída altamente especializados, aptos a responder cabalmente às exigências do mercado, cada vez mais competitivo e global. Assim, afirmam-se como objectivos prioritários dilatar as oportunidades de integração/ascensão profissional, de aprofundamento/reciclagem de conhecimentos técnicos diversos; de maximização da gestão da carreira, prefigurando-se como opções de saída as seguintes: incorporação em organizações internacionais; em serviços de administração pública a nível local e nacional; no sector empresarial; no exercício livre da profissão (como tradutor, terminólogo, consultor, revisor, *webmaster*) através da criação do seu próprio negócio ou em regime *freelance*.

Esta aproximação deve-se, sem dúvida, ao peso que a tecnologia assumiu, sobretudo na última década, na formação e no exercício da profissão de tradutor. Como afirma Wilss (2004:783), o campo onde ocorreu e ocorre maior crescimento, é o da "*software translation, following the principle high quality, low cost, high-tech*", sendo este software caracterizado como "*probably irreversibly – by diversity, volatility, and internationality*". Este facto levou a

que, cumulativamente, "*the traditional categories of human experience and enterprise, science, culture, have given way to technologies that completely overturn established translator training programmes which are quickly becoming obsolete*".

Tendo em conta esta realidade e o espírito que preside ao processo de Bolonha, os novos Ciclos de Estudos devem procurar formar diplomados com excelência, isto é, que demonstrem ser capazes de se enquadrar em estruturas sociopolíticas, organizativas, de investigação e tecnológicas complexas e que nelas sejam capazes de gerar e renovar procedimentos e produtos, além de se evidenciarem activos na actualização de conhecimentos em regime de autoformação. Devem, para além disso, possibilitar ao aluno o reforço da sua posição competitiva num mercado de trabalho em evolução e especialização constantes.

As metodologias adaptadas ao tipo de formação e aos objectivos a atingir devem estar em consonância com o ensino preconizado pelo processo de Bolonha, em que o papel do docente será, cada vez mais, o de orientar o discente para a aquisição e construção de um saber, e não apenas o da transferência de conhecimentos. As metodologias seguidas serão eminentemente práticas e indutivas, centradas no aluno, exploratórias, hermenêuticas, inovadoras e motivadoras nas duas vertentes integrativa e instrumental, privilegiando a integração da teoria com a prática, isto é, o saber com o saber fazer.

Estas metodologias têm que ser reforçadas com a realização de um vasto leque de actividades extracurriculares, a saber, seminários, conferências, oficinas, acções de formação para estudantes e docentes, visitas a empresas, trabalho de campo e ciclos de cariz cultural, de modo a desenvolver no aluno competências socioculturais e profissionais.

Esta formação multidisciplinar representará uma mais-valia, quer para a integração numa empresa quer para o trabalho independente do tradutor *freelance*, bem como para o desenvolvimento de competências:

- de tradução;
- linguísticas e textuais nas línguas de partida e de chegada;
- de pesquisa, aquisição e tratamento da informação;
- culturais;
- técnicas.

Importa, finalmente, e no contexto da Tradução em particular, perceber as implicações pedagógicas da operacionalização de um ensino centrado no aluno, num ambiente de aprendizagem mais flexível baseado nos resultados por ele obtidos ao completar um grau de aprendizagem – nomeadamente quanto ao que deve saber e ao que deve saber fazer.

Estas tarefas são cruciais para a definição correcta do perfil de saída do aprendente e para a existência de uma orientação clara dos planos de estudo e dos programas quanto à dotação de competências (elemento crucial na mudança gizada), numa abordagem reflexiva e crítica dos conteúdos que acarreta novos procedimentos de avaliação e cumprimento de tarefas, inseridos numa providente gestão do tempo e na senda de uma cultura da qualidade.

Da nossa pesquisa e do trabalho realizado ao longo dos últimos anos na área do ensino, resulta claro que a atribuição do grau, sobretudo o de Mestre, deverá acontecer apenas quando os estudantes demonstrem possuir as seguintes competências:

Tabela 1 – Competências gerais e específicas do diplomado em tradução.

<p>Gerais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber aplicar e comunicar os seus conhecimentos em diversas situações; • Aprender e investigar de forma autónoma.
<p>Específicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer línguas de especialidade; • Compreender as especificidades culturais das línguas de trabalho. • Traduzir textos técnicos e científicos; • Conhecer os fundamentos teóricos da tradução assistida e automática; • Dominar técnicas de pesquisa em linha; • Gerir projectos de tradução; • Fazer o controlo de qualidade; • Criar e gerir bases de dados terminológicas; • Criar e gerir memórias de tradução; • Dominar técnicas de pesquisa, aquisição e tratamento da informação; • Utilizar aplicações da tradução assistida e automática; • Dominar os processos de revisão e edição de texto; • Resolver questões éticas e deontológicas; • Interpretar e analisar o texto audiovisual e multimédia; • Compreender e aplicar as principais teorias do domínio da semiótica; • Legendar textos audiovisuais; • Dominar os processos envolvidos na tradução audiovisual; • Dominar os conceitos de globalização, internacionalização e localização; • Localizar textos multimédia; • Desenvolver estratégias de optimização da tradução automática; • Conhecer técnicas básicas de composição, paginação, normalização e revisão de documentos electrónicos.

3. Processo de adequação e acreditação de ciclo de estudos

A maior parte das instituições de Ensino Superior portuguesas está, no momento em que escrevemos, a adequar ou a criar os seus Ciclos de Estudos e a acreditar os seus cursos de Tradução. Esta adequação deve ter como meta a oferta de uma formação que, em termos de conteúdos programáticos e meios tecnológicos, seja concorrente com a disponibilizada por estabelecimentos de ensino superior, quer na União Europeia, quer noutros países de relevo no mercado da tradução, assegurando aos estudantes portugueses condições de formação e de integração profissional similares.

Em função destes vectores, os objectivos a visar pelas instituições de Ensino Superior nesta reestruturação do ensino da Tradução devem passar por:

1. Reforçar e alargar as competências e oferecer uma especialização de natureza profissional de qualidade, actual e potenciadora de novas práticas sociais e profissionais, através da disponibilização de uma formação em ambiente de laboratório multimédia e do recurso a meios técnicos altamente especializados;
2. Operacionalizar os conceitos-chave das unidades curriculares estruturantes;

3. Transmitir e problematizar as diferentes abordagens teóricas dos Estudos da Tradução, de forma a formar tradutores críticos e interventivos na análise e aplicação dos diferentes paradigmas translológicos;
4. Introduzir elementos inovadores na formação integral do profissional da área da tradução que lhe permitam fornecer serviços completos de tradução, fazendo uso de um conjunto variado de meios técnicos e tecnológicos, de que se destaque o recurso a plataformas de *e/b-learning*, para a elaboração, gestão e transmissão de conteúdos;
5. Oferecer a outros públicos, como engenheiros, economistas, juristas, etc., a possibilidade de frequentarem um ciclo de estudos de mestrado que lhes permita adquirir competências numa área que todos necessitam de dominar de forma crescente, de maneira a melhor gerirem e internacionalizarem a sua comunicação com congéneres de outros países, seja para fins empresariais, de investigação ou académicos;
6. Proporcionar uma formação que atenda às competências exigidas pelo mercado de trabalho e às necessidades actuais dos Prestadores de Serviços de Tradução;
7. Ampliar as competências de pesquisa e investigação, através da participação dos alunos em projectos de pesquisa e desenvolvimento. Estas competências requerem também experiência na utilização de ferramentas de pesquisa e capacidade para desenvolver estratégias adequadas à utilização eficiente das fontes de informação disponíveis;
8. Promover o conhecimento das realidades do mundo da tradução, a autonomia e o espírito de iniciativa, a aptidão para a gestão de projectos, a capacidade de trabalhar em equipa e de assumir funções de liderança no contexto organizacional;
9. Oferecer a possibilidade de frequência de um estágio de natureza profissional com o intuito de reforçar a experiência adquirida ao longo do curso e, ainda, com a vantagem de o diplomado ser posto em contacto com o mercado de trabalho;
10. Permitir o desenvolvimento profissional contínuo através do incremento de competências profissionais suficientes para a progressão autónoma nos campos de especialização e línguas especializadas e nas questões e tecnologias relacionadas com a profissão.

A definição de um percurso que permita a prossecução destes objectivos resultará na pretendida *valorização da aprendizagem*, entendida como o processo de promoção da participação na aprendizagem (formal ou não formal) e dos resultados que advêm dessa participação, a fim de melhorar a consciência do valor intrínseco da aprendizagem e encorajar o seu reconhecimento.

4. A relação Universidade-Empresa: contribuições para a mudança

O sucesso desta mudança anunciada dependerá, contudo, do reposicionamento e do esforço conjunto de Prestadores de Serviço de Tradução, vendedores de ferramentas de tradução e das escolas. A trilogia ensino de tradução, tecnologia e mercado só resultará num ensino de nível europeu e em melhores resultados empresariais se os laços que unem formadores, empregadores e vendedores de software forem revistos e estrategicamente definidos e defendidos.

O primeiro momento de concretização da relação Universidade-Empresa tem que acontecer logo na fase de definição de objectivos e de conceptualização do perfil de tradutor. Neste processo são cruciais as directivas divulgadas pela Comunidade Europeia e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, acrescidas das que transparecem do Projecto de Norma Europeia de Tradução. Mas, não são menos cruciais as perspectivas e ideias que resultam da consulta a associações como a APT e a ATeLP, a entidades empresariais de relevância no sector, de entre as quais se destacam, por exemplo, as

empresas associadas da APET, bem como as opiniões de tradutores *freelance* e de outros agentes do mercado de trabalho, em que se incluem os vendedores de software.

Esta consulta constitui um elemento essencial para responder, entre outras questões, à definição de prestação de serviços de tradução de qualidade, considerando-se aqui todo o processo de tradução e os outros passos implicados na prestação do serviço respectivo, tais como os recursos humanos e técnicos, a gestão da qualidade e de projectos, o enquadramento contratual e os procedimentos e serviços de valor acrescentado. A obtenção destes e doutros dados representa um primeiro passo para a uma formação de excelência e para uma maior empregabilidade dos diplomados da área. Às empresas caberia, neste caso, o papel de consultadoria.

Às universidades compete, tradicionalmente, para além de reconhecer os seus parceiros, a criação de um conjunto de recursos adequados ao ensino e à prática da tradução: centros de investigação; laboratórios de línguas e tradução; recursos humanos de apoio a estes laboratórios; ciclos de conferências; formação de docentes; adequação pedagógica de materiais e conteúdos; entre outros.

As empresas, para além do fornecimento de consultadoria e do reconhecimento social do valor de aptidões e/ou competências dos estudantes enquanto agentes económicos e sociais, podem ainda contribuir com o reforço da regulamentação do sector e do poder representativo das suas instituições, como é o caso do Conselho Nacional da Tradução (CNT). A estes papéis, devem somar-se outros, que passariam por uma contribuição contínua para a introdução de conteúdos, como aconteceu no caso do projecto eColore, e metodologias nos currícula dos cursos e nas múltiplas unidades curriculares que reflectissem as boas práticas do mercado de trabalho.

Esta contribuição poderá assumir muitas formas, nem todas de disponibilização de conteúdos ou de estratégias. Um exemplo de melhoria da comunicação síncrona e assíncrona entre a universidade e as empresas seria a participação em fóruns ou em blogs, ou noutro tipo de comunidades virtuais, cujos fios de discussão e problemáticas a abordar tenham sido previamente combinados entre os diferentes actores.

Do mesmo modo, podem contribuir com as suas questões e abordagens sobre o funcionamento do sector da tradução, para um questionar das teorias vigentes dos Estudos da Tradução. Como afirma Thomson-Wohlgemuth (2004:498), na sociedade contemporânea com a globalização das economias, as organizações têm que "*balance the constraints of limited time, cost-effectiveness and quality to fulfil the needs of the client. In order for translation organisations to meet these constraints, they will be required to improve their working practices. This means that translation can no longer rely on the efforts of individual translators working by themselves. Translation Studies has to widen its scope to include the entire social environment surrounding the translation process*".

Porque vive de financiamentos públicos e privados substanciais, e os conhecimentos que produz e transmite têm um impacto significativo na economia e na sociedade, a universidade é, além disso, responsável perante os seus patrocinadores e os cidadãos pela maneira como funciona e gere as suas actividades e os seus orçamentos. Isto traduz-se numa pressão crescente no sentido da inclusão de representantes do mundo não académico nas suas estruturas de gestão e governação. Também aqui as entidades representativas da área da Tradução em Portugal teriam um papel activo a desenvolver, participando directamente nos Conselhos Consultivos das diferentes instituições.

Uma relação mais activa e dinâmica poderia resultar na abertura da indústria à realização de teses de doutoramento e mestrado que a envolva directamente – estudos de caso, inquéritos, aplicação de novos processos e tecnologias, etc., a exemplo do que acontece com o *Localisation Research Centre* em Limerick na Irlanda, ou com a *Education Initiative Taskforce* da *Localization Industries Standards Association* (LISA), que desenvolveu um protocolo de pesquisa e inovação com 7 Universidades Europeias, para a realização de projectos de investigação comuns.

Mas esta relação não é fácil. Associada a si estão um conjunto de estereótipos que urge combater, ao mesmo tempo que é preciso respeitar o papel e as velocidades inerentes à capacidade e necessidade de transformação de cada um. Um exemplo desta dificuldade resulta do desenvolvimento avassalador da indústria da Localização. Como afirma Pym (2006:1) a propósito do ensino da Localização, este coloca problemas sérios "*for the training institutions that would want to prepare translators to enter the industry. In the absence of any stable 'localization competence' that might be mapped straight into a study program, our training institutions must take steps to convey the basic technologies and to develop links with the localization industry. Such links however, are necessarily strained by the very different ways in which industry and the academy convert knowledge into economic capital, and thus by the ways in which they build social networks. For sociological reasons, relations between the localization industry and the academy are bound to be difficult. However, this same disjuncture should allow training institutions to offer a critical view of localization discourses and technologies, particularly of those that turn cross-cultural communication into phrase-replacement exercises*".

De facto, se tomarmos como exemplo a localização, percebemos que a percepção da indústria em relação aos novos conceitos e ferramentas é, pela proximidade com o trabalho nos diferentes projectos, mais concreta e aguçada. Às empresas competiria transformar parte dessa percepção em conhecimento transmissível, contribuindo para o desenvolvimento de competências dos novos tradutores, formando assim uma cadeia de valor que resultaria em mais valias a curto/médio prazo para essas mesmas empresas. Um exemplo dessa contribuição poderia passar pelo disponibilizar de conhecimentos sobre o processo de definição da tipologia das equipas de Localização, de definição das questões prévias, das questões de revisão, do tipo de conhecimento necessário para a equipa ter sucesso. Esta disponibilização poderia assumir, entre outras, a forma de conferências, *workshops* ou seminários.

Para completar a trilogia por nós proposta, falta analisar ainda um terceiro vector – o da disponibilidade de ferramentas electrónicas de tradução, essencial à aplicação das novas metodologias de ensino e a uma formação actual e em linha com as necessidades e expectativas do mercado.

A existência destas aplicações tem sido o veículo principal de inovação e introdução de novos conceitos e de novas práticas, resultantes do surgimento de ferramentas ou de evoluções naturais no mercado. Não é fácil imaginar a concepção e aplicação de estratégias para o ensino da tradução – explorando, por exemplo, as metodologias de *Project Based Learning*, de *Problem Based Learning* ou de Aprendizagem Colaborativa – sem recorrer às tecnologias de tradução assistida, automática ou de gestão de projectos actualmente disponíveis.

No entanto, a disponibilização destas ferramentas tem um conjunto de custos associados, de que destacamos os custos de licenciamento e de actualização e os custos de formação e actualização constante dos docentes, isto quando as instituições de ensino possuem docentes com competências neste tipo de aplicações. Para além disso, a sua disponibilização aos alunos obriga à existência de equipamento informático em número e qualidade suficiente para a sua instalação. Estes custos, no actual panorama de desinvestimento contínuo no Ensino Superior, dificultam o acesso adequado às tecnologias mais recentes e, conseqüentemente, ao seu uso na sala de aula, atrasando a experimentação e desenvolvimento de competências tecnológicas e a aquisição de conhecimentos.

Esta situação já é em grande parte compreendida pelos vendedores de software, mas numa escala menor do que a expectável. Os descontos a estudantes e a instituições de ensino são já significativos, mas a lógica é ainda puramente comercial. Poucos são aqueles que optaram pelo estabelecimento de protocolos que conjugassem os interesses das partes, por exemplo, através da utilização de grupos de alunos e docentes para testes a novas

versões ou novos produtos ou para a investigação sobre novos processos de gestão de projectos de tradução, em troca de vantagens comerciais para as instituições de ensino.

5. Conclusão

A abordagem aqui seguida, as hipóteses e ideias apresentadas são mais ou menos conhecidas e estão à disposição dos diferentes actores da área da tradução. Urge, na nossa percepção, potencializar o Acordo de Bolonha e o processo de reformas em curso e introduzir novos comportamentos e relações que garantam, de facto, a mudança de paradigma. Aproveitar o clima de adequação proposto por Bolonha para cimentar as relações entre a Universidade e as Empresas, introduzir novas dinâmicas e novos comportamentos, que originem valor acrescentado para os diferentes actores do mercado de tradução em Portugal é uma tarefa que requer abertura e cooperação, mas que poderá resultar a prazo em dividendos acrescidos para as partes.

Além de exercer a sua missão fundamental de produção e transmissão do conhecimento, a universidade funciona hoje como fonte essencial de competências especializadas em diversos domínios e como um catalisador de parcerias múltiplas entre os intervenientes económicos e sociais, através de diversas redes. Essas redes carecem, na área da Tradução, de ser reforçadas e revistas, sendo este um momento de características únicas para os diferentes parceiros contribuírem para a sua construção.

Agradecimentos

Este artigo só foi possível graças à colaboração e às perspectivas de Clara Cunha, Paula Ramalho Almeida e Susana Noronha Cunha, com quem tive a oportunidade de colaborar na árdua tarefa de criação de um Ciclo de Estudos de Mestrado, que procurou atender e entender as muitas exigências colocadas pelo Processo de Bolonha. A elas o meu muito obrigado.

Bibliografia

- Comissão das Comunidades Europeias. O papel das Universidades na Europa do conhecimento. Bruxelas. 2003. <http://europa.eu/scadplus/leg/pt/cha/c11067.htm>. Consultado em 14 Julho 2006.
- Cravo, Ana Maria da Silva. «Promoting autonomy through action research: a case study with undergraduate translation students». 2006. <http://isg.urv.es/cttt/cttt/research/cravo.doc>. Consultado em 14 de Julho de 2006.
- Dias, Fátima. «Tradutores precisam-se»: A Imagem da Tradução transmitida pelos Anúncios de Emprego. in *Confluências*. 2006.
- Ministério da Ciência Tecnologia e Ensino Superior, Decreto-Lei 74/2006 – Regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior. 2006.
- European Commission, Directorate-General for Translation: www.eu.int/comm/dgs/translation/external_relations/universities/master_curriculum_en.pdf. Consultado em 14 Julho 2006.
- Pym, Anthony. *Localization, Training, and the Threat of Fragmentation*. 2006. <http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation.html>. Consultado em 14 de Julho de 2006.
- Thematic Network Project in the Area of Languages, Sub-project 7: Translation and Interpreting, Course Profile Recommendations. <http://web.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP7FinalRecs.pdf>. Consultado em 14 Julho 2006.

Thomson-Wohlgemuth, Gabriele. «A Socialist Approach to Translation: A Way Forward?» in *Meta*. 2004. <http://www.erudit.org/revue/meta/2004/v49/n3/009375ar.pdf>

Consultado em 10 Julho 2006.

Wilss, Wolfram. «Translation Studies – The State of the Art». in *Meta*. 2004. <http://www.erudit.org/revue/meta/2004/v49/n4/009781ar.pdf>. Consultado em 14 Julho 2006.

NOTA BIOGRÁFICA

O autor é professor no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, onde lecciona disciplinas de Tradução e Interpretação e onde coordena o Centro Multimédia de Línguas. Foi professor na Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão, nas disciplinas de Inglês Técnico. É Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Inglês / Alemão e Mestre em Terminologia e Tradução, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É doutorando em Linguística, no domínio da Linguística e Informática, na especialidade de Terminologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É ainda investigador no INESC Porto – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores do Porto, na Unidade de Engenharia de Sistemas de Produção – área de Redes de Cooperação Empresarial.